

DO LIVRO AO FILME E DO FILME AO LIVRO: AS FACETAS DE “A HORA DA ESTRELA”

FROM THE BOOK TO THE MOVIE AND FROM THE MOVIE TO THE BOOK: THE FACETS OF "THE HOUR OF THE STAR"

Wallace Rodrigues

Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden (Países Baixos)

Mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos)

Pós-graduado (lato sensu) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

Licenciado em Educação Artística pela UERJ

Professor Assistente da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

E-mail: walace@uft.edu.br

Clarice

Veio de um mistério

partiu para outro

ficamos sem saber a essência do mistério

ou o mistério não era essencial.

Essencial era Clarice vagando nele.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Esse escrito busca lançar um olhar sobre o livro “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, e o filme homônimo, de 1985. Esse escrito se coloca como teórico de cunho bibliográfico. Tentamos encontrar relações significativas entre a obra escrita e a obra fílmica para melhor compreender como diferentes artes traduzem uma mesma história. Os resultados deste trabalho revelam que filme e obra literária são tão próximos que parecem se confundir em nosso imaginário e que a obra literária forneceu uma imensa riqueza de detalhes cotidianos para que o filme pudesse ser uma tradução rica e profícua do livro.

Palavras-chave: Literatura. Clarice Lispector. Arte do cinema

ABSTRACT

This paper seeks to take a look at Clarice Lispector's book "The Hour of the Star" and at the 1985 film of the same name. This article is a theoretical work of bibliographical nature. Hereby we try to find meaningful relationships between the written work and the filmic work to better

understand how different arts translate the same story. The results of this work reveal that film and literary work are so close that they seem to be confused in our imaginary and that the literary work provided an immense wealth of daily details so that the film could be a rich and thought-provoking translation of the book.

Key words: Literature. Clarice Lispector. Art of cinema.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo se coloca como uma reflexão sobre as relações entre a obra literária intitulada “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, de 1977, e o filme homônimo, de 1985, que foi baseado em tal livro. Julgamos que este assunto seja relevante para pensar sobre as diferentes relações entre linguagens artísticas distintas e sobre a grandeza significativa de tal obra literária, pois este livro instiga as mais variadas interpretações no campo da educação, da filosofia, da arte, entre tantos outros campos.

Clarice Lispector (1920-1977) foi uma de nossas mais criativas escritoras. Sua sensibilidade exacerbada, porém quieta, deixou-nos obras com sentidos únicos e cheias de possibilidades interpretativas. Antonio Candido (1999) vê a obra de Lispector com qualidades estéticas singulares dentro da literatura brasileira:

A elaboração original da palavra aparece também na prosa narrativa de Clarice Lispector (1920-1977), cujo livro de estréia, *Perto do coração selvagem* (1944), trouxe algo novo à literatura brasileira, pela capacidade de elevar a descrição das coisas e dos estados de espírito a um nível radioso de expressividade, como se dos fatos mais simples brotasse a cada instante o indefinível. A força desta escritora parece estar na capacidade de manipular os detalhes, que vão se juntando para formar a narrativa e sugerir o mundo, sem que haja necessidade de uma estruturação rigorosa. Daí a fluidez imprecisa que dissolve muitas das suas histórias, ou, pelo contrário, o destaque luminoso que elas ganham na intimidade sugerida pela ampliação do pormenor. Talvez o conto, mais do que o romance, seja o instrumento ideal dessa escritora que parece extrair o essencial das dobras do acessório. (CANDIDO, 1999, p.91)

Como observa Candido, a “capacidade de manipular os detalhes”, típica de Clarice Lispector, faz com que sua obra seja profícua quando reinterpretada em outras formas de arte, como no caso do filme “A hora da estrela”. Obviamente, temos que perceber, também, a intenção da direção do filme em permanecer muito próxima à obra literária que fornece-lhe o enredo. O livro “A hora da estrela” parece, depois de sua leitura atenta, deixar um rastro de possibilidades interpretativas que sempre nos instigam a ver um novo ângulo da obra. A sensibilidade de Lispector engrandece a alma e aumenta as nossas percepções diante da existência, além de remeter-nos aos preconceitos e estereótipos da sociedade brasileira.

O filme “A hora da estrela” teve roteiro escrito por Suzana Amaral e Alfredo Oroz, direção de Suzana Amaral e contou com a atriz Marcélia Cartaxo interpretando a personagem Macabéa. Tal filme foi baseado na obra de Lispector, porém ele nos dá a compreender toda a história através de uma outra forma de linguagem imagética: a cinematográfica.

Nossas impressões de tais obras artísticas podem ser distintas não somente pelas diferentes linguagens, mas também pelas diferentes sensibilizações que nos causam. Tais obras nos remetem a diferentes afetos e aos estereótipos sobre os “lugares” sociais das pessoas em nosso país.

2 DO LIVRO AO TEXTO E DO TEXTO AO LIVRO

Compartilhando do entendimento de Marília Oliveira e Valéria Resende (2011), “Entendemos a arte como elemento de construção do conhecimento sensível do ser humano”. Nesse sentido, tratar sobre como os produtos de duas linguagens artísticas distintas se relacionam é pensar sobre sensibilidades e sobre os conhecimentos que toda obra de arte pode nos trazer.

Segundo Fernando de Azevedo (2009), as obras de arte somente tomam significação a partir das leituras que fazemos delas. Compartilhamos dessa ideia e verificamos que as mais variadas leituras de um mesmo trabalho de arte podem instigar inúmeras inspirações, conforme a passagem seguinte:

Ler é atribuir significados, é interpretar o mundo produzindo sentidos, traduzindo fatos e imagens para sua própria codificação, tentativa de recontar a aventura humana por meio das linguagens. Ler é tomar de empréstimo fragmentos de saberes com a perspectiva de coordenar, articular, juntar partes, tecer uma trama. Inventar um texto é recriação – processo de reinvenção em constante transformação, potencializando afetos, trabalhos e lutas. Em sentido freireano, ler o mundo nos humaniza, nos religa ao outro e ao universo. Ler possibilita inventividade por exigir a criação da trama textual como expressão histórica e social que muda a face do mundo, desfazendo certezas e instaurando novos modos de perceber o real. (AZEVEDO, 2009, p. 335-336).

De acordo com Consuelo Schlichta e Isis Tavares (2006, p. 12) “a utilidade da obra de arte não se realiza de maneira *imediate*, mas, *mediata*, isto é, *mediada* pelos conhecimentos que nos permitem tornar esse objeto tão familiar quanto outros.” Nesse caminho, as várias possibilidades de leitura das obras de Clarice Lispector fazem delas inspirações ideais para o diálogo com outras formas de artes.

Lispector, que sempre escreveu com um certo estranhamento em relação ao mundo e às relações interpessoais, parece ter dado à sua obra um viés existencialista ou psicológico que a aproxima das pessoas. Assim, a arte de Lispector parece nos dar uma compreensão da dimensão precária do existir e da complexidade do próprio homem enquanto ser no mundo.

Devemos dizer, também, que há diferentes suportes para se contar uma história. No entanto, em relação ao livro “A hora da estrela” e ao filme homônimo, as diferentes texturas estéticas parecem se complementar. É como se Lispector tivesse escrito uma obra para o cinema, mas sabemos que esse não foi seu intuito. Parece que ambas obras de arte já nasceram com o destino de se juntarem, mas sempre mantendo uma estreita posição relacional.

Cristina Ferreira-Pinto Bailey (2007) nos diz que Clarice Lispector já havia se interessado, antes de “A hora da estrela”, por temas sociais e o que lhe parece mais central à obra de Lispector é o valor da linguagem para a obra dessa escritora, vendo a linguagem como fio condutor, como comunicador entre os envolvidos:

Como vai ficando mais claro graças ao quadro hermenêutico que a crítica lispectoriana vem compondo, a ficção de Lispector desdobra-se em níveis de significados que se manifestam na preocupação com o social, com as estruturas de poder, as relações de gênero e a relação do sujeito com sua realidade interior e exterior. Central a tudo isso, a linguagem é em Lispector sempre o fio condutor que leva escritora, personagens e leitores numa incessante viagem de busca ao “é da coisa”. (BAILEY, 2007, p. 16).

Por outro lado, o professor Wallace Rodrigues (2013) acredita que a história de Macabéa é mais que um mero relato social sobre uma pobre e inocente nordestina numa cidade grande, mas é uma história de uma maneira de estar-no-mundo:

[...] Clarice aparece na literatura brasileira como uma escritora única, que nos conturba, nos faz pensar, nos atordoa e nos acorda para a vida real em meio a uma ditadura militar que cerceava pensamentos, críticas e criatividade. E é com seu último livro que ela parece se aproximar mais do mundo das vicissitudes humanas, parece se aproximar de aspectos sociais da vida de uma brasileira pobre e humilhada. Porém, Clarice esconde uma outra história atrás da história de Macabéa. A história de Macabéa nos fornece um relato muito mais sutil e mais profundo do que um relato social: a história de Macabéa é um relato sobre o estar-no-mundo, de maneira mais amplamente crítica e sensível possível, em um Brasil da década de 70. Ela mesmo nos diz que “Pensar é um ato. Sentir é um fato.” (LISPECTOR, 1998, p. 11), mostrando a materialidade do sentimento e a necessidade do pensamento. (RODRIGUES, 2013, p. 141)

Também, a intenção de Clarice Lispector em traduzir em palavras a vida sem muito brilho de Macabéa, seus sentimentos, suas angústias, seus medos, seu estar-no-mundo, nos espanta, já que Lispector sempre se revelou uma escritora muito hermética. O professor Wallace Rodrigues (2013) nos deixa ver como Lispector se aproxima do mundo das pessoas através de Macabéa:

Clarice, por outro lado, já bastante conhecida como escritora de grande qualidade estética, porém pouco compreendida em sua época, mostra em A hora da Estrela um profundo talento em fazer da prosa um instrumento de introspecção psicológica, na qual ela sonda o mundo interior do ser humano e busca nele o que há de mais penetrante, os desejos mais escondidos e as complexidades mais arraigadas. Porém, com o mesmo brilhantismo, ela participa e compreende, quase que clarividentemente, o mundo material da objetividade humana, seus sofrimentos e mazelas. (RODRIGUES, 2013, p. 141)

Ainda, a extrema sensibilidade das imagens literárias de Lispector em “A hora da estrela” parecem facilitar uma transposição do relato literário para o relato fílmico. Como nos diz Antonio Candido (1999, p. 97), a obra de Lispector está entre as melhores dos escritores do século XX: “os últimos grandes da nossa literatura foram João Cabral, ainda vivo, Guimarães Rosa e, até certo ponto, Clarice Lispector.”

Clarice Lispector parece descobrir, em “A hora da estrela”, o cerne do preconceito social brasileiro e pôr em relação os mecanismos que tentam dar legitimidade a tal sistema. Ela nos mostra, de maneira sutil, as relações assimétricas de poder entre nós brasileiros, entre ricos e pobres, entre norte e sul. Além disto, Lispector não cai na armadilha de naturalizar um discurso etnocêntrico em relação aos nordestinos que vieram trabalhar no sudeste do país.

Antônio Candido (1999) nos informa, ainda, que Clarice Lispector, Guimarães Rosa e João Cabral conseguem, de maneira muito sutil, retirar a soberania do tema da nacionalidade de seus escritos:

Com Guimarães Rosa o processo que estamos analisando na literatura brasileira chega a um ponto culminante, porque o assunto perde a soberania e parece produto da escrita, tornando caducas as discussões sobre os critérios nacionalistas tradicionais. Com efeito, ele parece dizer que a presença mimética da terra e do homem deve ser dissolvida na autonomia relativa do discurso para chegar à categoria de universalidade. A obra de Guimarães Rosa completa as de João Cabral e Clarice Lispector, no sentido de modificar a relação entre o tema e o discurso. (CANDIDO, 1999, p. 94)

E isso de afastar-se do discurso nacionalista, como nos informa Antonio Candido, mas de desvendar os tipos humanos nacionais de maneiras inusitadas, parece ficar muito claro no livro “A hora da estrela”.

Sabemos que Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, em Chechelnyk, viveu no nordeste brasileiro e terminou por morrer no Rio de Janeiro. Nascida em uma família judia da Rússia, emigrou com a família por causa da perseguição aos judeus. Lispector chegou ao Brasil, com os pais e duas irmãs, em 1922.

Lispector sempre considerou o Brasil sua verdadeira pátria. Ela e sua família viveram em Maceió e Recife. Nessa última cidade ela cresceu. Ela perdeu a mãe aos oito anos de idade. Com catorze anos de idade a família se desloca para viver no Rio de Janeiro.

Ela estudou direito na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. No entanto, ela sempre demonstrou mais interesse pelo meio literário. Foi tradutora e jornalista, escreveu ensaios, crônicas, contos e dramas, além de livros infantis. Lispector conseguiu se tornar uma das figuras mais relevantes da literatura brasileira e do modernismo, influenciando vários outros escritores.

Voltando à obra literária “A hora da estrela”, podemos notar que a textualidade do livro parece refletir-se claramente na textura imagética do filme. Acreditamos que isso aconteça pela precisa descrição literária de cenas cotidianas simples e pelas tramas psicológicas dos personagens.

E é através da singela performance de Marcélia Cartaxo que chegamos a compreender como era a Macabéa que Clarice Lispector nos havia apresentando. A epifania final de Macabéa e seus momentos do cotidiano são, a nosso ver, os pontos que fazem com que tal obra literária pudesse ser tão bem traduzida para a linguagem cinematográfica.

As premiações de Cartaxo, por seu personagem neste filme, demonstram sua perfeita performance: Urso de Prata de melhor atriz do Festival de Berlim (1986) e melhor atriz do Festival de Brasília (1985).

Também, os vários tipos humanos brasileiros retratados no referido filme mostram-nos que:

[...] a força representativa das imagens em movimento do cinema para retratar uma variedade imensa de brasis desconhecidos e desconexos no imaginário das pessoas mostra quão importante para a cultura brasileira foram os trabalhos cinematográficos na formação de uma identidade cultural nacional. A importância de ver estes brasis desconhecidos e contrastantes exigia do espectador uma tomada de posição, uma atitude crítica perante o que foi visto. (RODRIGUES, 2014, p. 269)

O filme “A hora da estrela” é uma obra cinematográfica brasileira de 1985, do gênero drama e foi dirigido por Suzana Amaral. O roteiro desse filme foi uma adaptação sensível e inteligente da obra literária homônima da escritora Clarice Lispector. Tanto que tal filme entrou para a lista da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) como um dos 100 melhores filmes brasileiros.

O enredo fílmico se aproximou muito fortemente da obra literária. Relatamos um pouco dele: Macabéa, uma nordestina orfã, vai para a cidade de São Paulo e encontra um trabalho de datilógrafa. Ela acha moradia em uma pensão e revela-nos sua vida de poucas emoções e paixões. Sua indiferença a tudo que se passa a seu redor chama a nossa atenção. Macabéa adora escutar a Rádio Relógio, com suas informações estanques entre as horas. Ela conhece Olímpico de Jesus (interpretado por José Dumont) e eles começam a namorar. No entanto, Olímpico troca Macabéa por Glória (interpretada por Tamara Taxman), uma colega de trabalho de Macabéa. Glória recomenda que Macabéa vá à sua cartomante (interpretada por Fernanda Montenegro). A cartomante diz à Macabéa que sua vida mudaria de repente, pois ela se casaria com um gringo lindo. Macabéa fica feliz, porém, ao atravessar a rua, é atropelada por uma Mercedes e morre.

Vale destacar a insistência de Macabéa em escutar, sem cessar, à Rádio Relógio, às suas informações enciclopédicas e à marcação da hora. Esse fato nos coloca uma questão temporal única, onde a personagem parece não ter conhecimentos, memórias e nem saber em que tempo está. Há aí uma sutileza cheia de nuances criativas. Também, em entrevista para Júlio Lerner, em 1977, Clarice Lispector nos diz que “O adulto é triste e solitário”. Isso podemos verificar na vida de Macabéa. A solidão da personagem e a sua tristeza inocente nos impressiona grandemente.

Verificamos, portanto, que, a partir da fábula do social de Clarice Lispector em “A hora da estrela”, o cinema consegue retratar o olhar emblemático de Lispector para a miséria da personagem Macabéa. Uma miséria não somente monetária, mas também de saberes de mundo, de maldades de vida, de prazeres, de extravagâncias momentâneas, entre outros. A caricatura da nordestina pobre, sem conhecimentos de mundo e sem maldades pode ser claramente vista na obra fílmica. Podemos dizer que poucas obras cinematográficas conseguiram retratar tão bem uma obra literária como o referido filme de Suzana Amaral.

Podemos, ainda, compreender tanto tal obra literária como a fílmica enquanto construções estéticas únicas, como “signos novos”, para usar uma expressão de Décio Pignatari. Tais obras nos fazem recorrer a todos os recursos de nossos repertórios pessoais, pois são únicas.

[...] o signo novo tende a produzir isolamento, é “ininteligível” à primeira abordagem – por sua raridade e inesperado e pelo fato de ser mais “dispendioso” (para o sistema nervoso, por exemplo). Sua absorção se faz com base no repertório e na dinâmica do interpretante (podemos também entender repertório como “memória” e interpretante como o conjunto dos “programas” possíveis do receptor da mensagem)” (PIGNATARI, 1997, p. 52).

Ao longo de nossas vidas, vamos recolhendo experiências as mais variadas e acumulando-as em nossa memória, em nosso corpo, em nossa história. Nesse sentido, compreender as obras de arte (imagens, pinturas, música, instalações, obras literárias, performances, esculturas, etc) significa dar sentido a elas, como nos diz Fernando de Azevedo (2009) sobre a compreensão das obras de arte através de um exercício constante de aproximação de nosso repertório pessoal e de análise estética:

Tal vivência exige um olhar atento, curioso, inteligente e preparado para mobilizar, em sua bagagem de experiências vividas com a imagem, inúmeras possibilidades de aproximação, um processo que articula a alfabetização visual com os saberes construídos na prática social. Na medida em que a capacidade de olhar para o mundo atribuindo significação não nos é dada por acaso (AZEVEDO, 2009, p. 336-337)

Devemos, ainda, ter em conta que toda obra artística é sempre uma obra simbólica que se utiliza da representação para ser construída. Assim, tanto o filme de Amaral quanto o livro de Lispector são representações que nos ajudam a construir significação sobre vários aspectos de nossas vidas, conforme nos informam Marita Sturken e Lisa Cartwright (2005):

Através da história, debates sobre representação têm considerado se esses sistemas de representação refletem o mundo como ele é, como se eles espelhassem para nós uma forma de *mimese* ou *imitação*, ou mesmo se, de fato, nós construímos o mundo e seus significados através dos sistemas de representação que usamos. Na perspectiva construtivista, nós somente construímos significado do mundo material através de contextos culturais específicos. Isso acontece, em parte, através dos sistemas de linguagem (sejam eles escritos, falados ou imagéticos) que usamos. No entanto, o mundo material somente tem significado, e somente pode ser “visto” por nós, através desses sistemas de representação. Isso significa que o mundo não é simplesmente refletido para nós pelos sistemas de representação, mas que nós construímos significado do mundo material através destes sistemas (STURKEN; CARTWRIGHT, 2005, p. 12-13, tradução nossa).

Também, buscando entender as duas formas de arte aqui analisadas, literatura e cinema, enquanto linguagem, podemos compreender melhor a facilidade da trama que se forma entre as duas. O filósofo Paulo Ghiraldelli Júnior (2010) nos informa sobre a arte enquanto linguagem:

A obra de arte é tomada como linguagem, e isso não é em sentido metafórico. É observada e estudada a partir de categorias como *significação*, *referência*, *denotação*, *regras sintáticas e semânticas* etc. A arte é observada como um sistema de símbolos. Nelson Goodman a levou para o campo da “estética analítica”, e os estudos que, em geral, são feitos a respeito da linguagem no século XX, voltaram-se para a obra de arte, da música à literatura, passando por todo o campo das artes visuais (GHIRALDELLI JR., 2010, p. 87).

Na mesma linha de pensamento, o dramaturgo e romancista francês Alexandre Arnoux nos diz que “O cinema é uma linguagem de imagens com seu vocabulário, sua sintaxe, suas flexões, suas elipses, suas convenções, sua gramática” (ARNOUX apud BRASIL, 1984, p. 53).

Ainda, o cineasta Alain Resnais nos diz que ele define o cinema em duas palavras: colagem e frescor. “Frescor, porque o privilégio do cinema é o de prestar-se à improvisação – para tanto precisa estar cuidadosamente preparado. Colagem, porque a verdadeira invenção está nas sequências. Os detalhes contam, a combinação é tudo. O cinema é a arte de jogar com o tempo.” (RESNAIS apud BRASIL, 1984, p. 52-53).

Nesse mesmo sentido de Resnais, as obras, fílmica e literária, aqui tratadas repartem a feitura artística em forma de linguagem poética única, instaurando-se cada uma, a sua maneira, como obra nova, com frescor próprio, com detalhes próprios, mas sempre remetendo à vida, às nossas memórias e nos fazendo pensar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou compreender onde os caminhos poéticos da obra literária de Clarice Lispector “A hora da estrela” se cruzam com os da obra fílmica inspirada no livro homônimo. Tal enlace de sentidos se faz perceber na feitura poética de ambos, na riqueza de detalhes da vida de Macabéa e na perfeita tradução da obra literária para a obra fílmica.

Vemos que o filme apela para nossa memória do livro. Podemos dizer até que poucas vezes uma obra literária foi tão bem traduzida para uma obra fílmica, já que tal filme consegue retratar toda a singeleza de Macabéa e os detalhes de sua vida. Parecendo não haver disputas entre as duas narrativas, a escrita e a fílmica, mas uma complementariedade.

Com certeza Lispector tinha um desejo de produzir um efeito reflexivo com o livro “A hora da estrela”, fosse ele político, sensível, cognitivo, emocional, etc. Isso nunca saberemos completamente, mas a força expressiva da obra literária e de suas imagens floresceram na obra fílmica.

Podemos dizer, ainda, que as obras artísticas aqui utilizadas são ricos sistemas de significação e que esses sistemas nos auxiliam a compreender as mais variadas formas de estar no mundo. A forma como tais obras se entrelaçam de maneira tão contundente não deixa de nos revelar as especificidades expressivas de cada linguagem artística e a grandeza de suas feitura.

Por último, podemos dizer que a produção de sentidos de ambas as obras se dão em conjunto. O filme e a obra literária são tão próximos que parecem se confundir em nosso imaginário, pois, depois de assistir ao filme, não conseguimos dissociá-lo do livro de Lispector. Tal é a junção que liga os dois trabalhos artísticos. Há uma complementariedade tão grande entre as duas obras que é como se se formasse uma corrente de ferro entre as duas obras e que essa corrente não pudesse mais ser partida.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar o cotidiano. IN: **Arte/Educação como mediação cultural e social**. BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). São Paulo: Editora UNESP, pág. 336-346, 2009.

BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto. Clarice Lispector e a crítica. IN: **Clarice Lispector: novos aportes críticos**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, Pittsburgh University, 2007, pág. 7-23.

BRASIL, Assis. **Dicionário do conhecimento estético**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1984, pág. 51-53.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira** (Resumo para principiantes). 3a. Edição. São Paulo: Humanitas, 1999

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História essencial da Filosofia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

STURKEN, Marita; CARTWRIGHT, Lisa. **Practices of looking: an introduction to visual culture**. New York: Oxford University Press, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998, 5a. ed.

OLIVEIRA, Marília Villela de; RESENDE, Valéria A. D. Lacerda de. Encontro entre arte e educação: a criança nova que habita o professor. IN: **Educação popular em tempos de inclusão: pesquisa e intervenção**. SANTOS, Benerval Pinheiro; NOVAIS, Gercina Santana; SILVA, Lázara Cristina da (org.). Uberlândia: EDUFU, pág. 341-370, 2011.

PIGNATARI, Décio. **Informação Linguagem Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

RODRIGUES, Wallace. Lados opostos da mesma moeda: A obra de Clarice Lispector e Andy Warhol em 1977. IN: **Linguagens** - Revista de Letras, Artes e Comunicação. ISSN 1981-9943. Blumenau, v. 7, n. 2, pág. 139-152, mai./ago. 2013.

RODRIGUES, Wallace. Tropicalismo e identificação nacional: cultura da sociedade brasileira através do cinema. IN: **Linguagens** - Revista de Letras, Artes e Comunicação. ISSN 1981-9943. Blumenau, v. 8, n. 3, pág. 263-272, set./dez. 2014

SCHLICHTA, Consuelo Alcioni Borba Duarte; TAVTES, Isis Moura. **Artes visuais e música**. Curitiba: IESDE Brasil, 2006.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

A HORA DA ESTRELA. Filme (1985). Direção de Suzana Amaral, roteiro de Suzana Amaral e Alfredo Oroz, Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=376JgN-2cEc> >, acesso em 17 jul. 2017.

PANORAMA COM CLARICE LISPECTOR. Entrevista para Júlio Lerner e realizada em 01 Fev. 1977. TV Cultura. Disponível < <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU> >, acesso em 17 jul. 2017.